NOSSA LUTA

- a perseguição aos Negros - durante o Holocausto

museu do Holocausto
CURITIBA | BR

CLÍNICA DE DIREITOS HUMANOS | PPGD | PUCPR

CENTRO CULTURAL HUMAITA

Livre

Livre! Ser livre da matéria escrava,
arrancar os grilhões que nos flagelam
e livre penetrar nos Dons que selam
a alma e lhe emprestam toda a etérea lava.

Livre da humana, da terrestre bava
dos corações daninhos que regelam,
quando os nossos sentidos se rebelam
contra a Infâmia bifronte que deprava.

Livre! bem livre para andar mais puro,
mais junto à Natureza e mais seguro
do seu Amor, de todas as justiças.

Livre! para sentir a Natureza,
para gozar, na universal Grandeza,
Fecundas e arcangélicas preguiças.

▪ **Cruz e Sousa** (1861-1898),
*o **Dante Negro**, maior*
poeta simbolista brasileiro

Índice

Texto de abertura 03
Carlos Reiss

Império Colonial Alemão 04

Martin Dibobe 06

Teorias Raciais 07
no século XIX

Genocídio na Namíbia 09

Samuel Maharero 10

Os negros na República 11
de Weimar

Negros na Alemanha 13
Nazista

Hans J. Massaquoi 15

Johnny Voste 16
e Josef Nassy

Valaida Snow 17

Gert Schram e Bayume 18
Mohamed Hussein

Hans Hauck 19

Hilarius Gilges 20

Leopold Sedar Senghor 21

Theo Wonja Michael 22

Lionel Romney, Darwin 23
Nichols e Jean Marcel Nicolas

Holocausto e Direitos 24
Humanos na ordem global.
Clínica de Direitos Humanos da PUCPR.

Holocausto, Consciência
Negra no Brasil e o caso
do Paraná. 25
Centro Cultural Humaitá

Legendas e Créditos das Fotos 26

Créditos do material 27

museu do Holocausto
CURITIBA | BR

As histórias dos negros na Alemanha nazista – assim como qualquer outra - têm sua própria cronologia. Elas poderiam ser retratadas de forma muito simples: de como uma política racial levou ao isolamento social, esterilização e destruição física de um grupo de pessoas. Mas essa seria uma visão muito simplista, que não satisfaz às vidas multifacetadas dos afroalemães.

O Museu do Holocausto de Curitiba trabalha com a noção de que trata-se de milhões de histórias: cada uma com um nome, um sobrenome, um rosto.

A personificação da Shoá por meio de histórias, além de promover uma reumanização da vítima, promove uma obrigação moral diante do sofrimento humano e transforma os jovens em "portadores da chama da memória".

Apesar das políticas raciais do Nazismo em relação aos judeus e ciganos terem sido bem documentadas, os pesquisadores deram pouca atenção às ações contra os negros. Esta minoria, embora não eliminada sistematicamente como outros grupos, enfrentou perseguição que variou do isolamento ao assassinato. Não existem números oficiais e os registros são escassos.

Através de um grande esforço da equipe do Museu, algumas histórias foram resgatadas e estão imortalizadas nesse material. Seu objetivo é conectar estas narrativas aos educadores, mostrando a crescente privação e perseguição dos negros desde o período colonial alemão, passando pela República de Weimar até o Nazismo consolidado. "Nossa Luta: a perseguição dos negros durante o Holocausto" dá voz a uma comunidade perseguida e, principalmente, usa a História para nos aproximar de uma discussão contemporânea e bem brasileira: como se manifesta a lógica irracional da discriminação racial? Como o preconceito racial pode afetar cada indivíduo? Qual o papel do resgate e da consciência negra na construção de uma sociedade mais justa?

O pioneirismo desse material está justamente na conexão entre a perserguição nazista, os Direitos Humanos e a Consciência Negra. Ele torna o Holocausto mais próximo de todos nós, trazendo os valores e as lições que nos estimulam a conhecer melhor nosso passado para refletirmos sobre o presente e construirmos o futuro que queremos.

Carlos Reiss
Coordenador-Geral do Museu do Holocausto de Curitiba

01

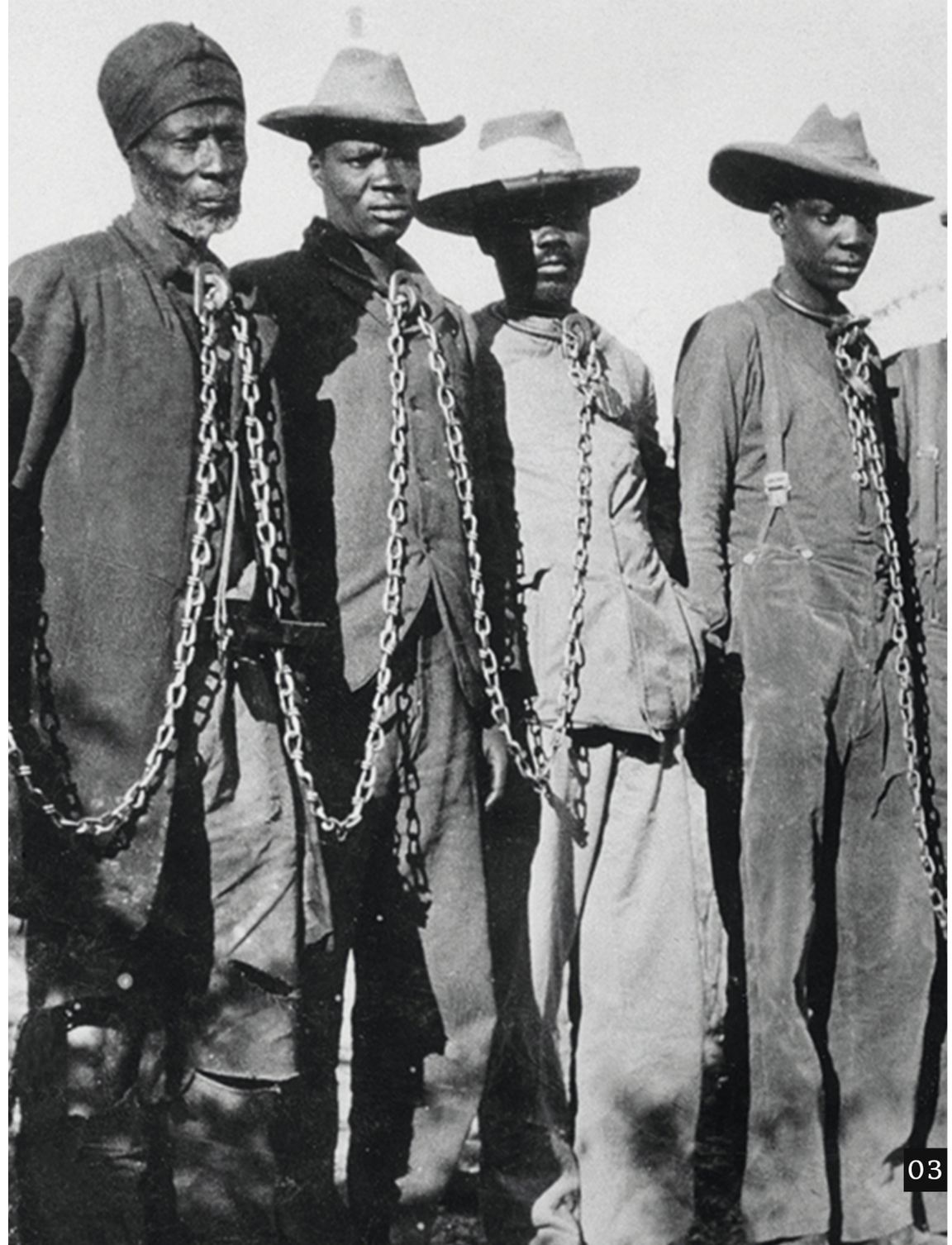
02

Império Colonial Alemão (1884-1914)

Na segunda metade do século XIX, um fenômeno de enorme impacto ocorreu na relação entre Europa e o resto do mundo: o Imperialismo. Uma das características desse fenômeno foi a colonização mais intensa da Ásia e do continente africano. Se o domínio europeu na África até então se manifestava, na maior parte dos casos, através de entrepostos comerciais e fortificações no litoral, o continente passou a ser explorado.

Diversos fatores, por vezes conflitantes, colaboraram para esse fenômeno. Do ponto de vista econômico, a procura por novos mercados para absorver o excedente produtivo da industrialização. Politicamente, a posse de colônias como símbolo de orgulho e união nacional (e portanto apaziguamento de conflitos internos) – frequentemente relacionado à pretensa superioridade racial e cultural sobre os povos nativos. Finalmente, sob um viés cultural e por vezes religioso, o mito do "fardo do homem branco" levava muitos a acreditarem na missão de levar a "civilização" europeia e branca para os demais povos, mesmo contra a vontade destes.

O interesse da Alemanha pela corrida imperialista foi tardio – a unificação do país ocorreu somente em 1870. Porém, até 1884, a posição do Estado alemão era de desinteresse pela exploração direta de colônias, método que lhe parecia custoso. Essa posição mudou na Conferência de Berlim, quando a Alemanha passou a reivindicar colônias próprias. Os motivos não eram, contudo, econômicos, mas políticos. A entrada na corrida colonial, em plena era dos Nacionalismos, faria com que, na expectativa do governo alemão, os crescentes conflitos internos se acalmassem devido à união nacional em torno da empreitada na África. Outra argumentação era que a Alemanha necessitava de territórios que absorvessem o excedente populacional e permitissem sua prosperidade sem que



recorressem à emigração para fora dos domínios alemães – por isso a expansão do Lebensraum se apresentava como uma ferramenta de legitimação (cabe notar que o termo é, não por acaso, o mesmo que mais tarde seria utilizado pelo Nazismo para justificar sua política expansionista).

O nacionalismo alemão (ou pangermanismo) já se caracterizava, desde antes, por exceder as fronteiras geográficas do Estado alemão (por isso o prefixo pan), abarcando populações com vínculos culturais (e pretensamente raciais) com a Alemanha no Império Austro-Húngaro e no leste europeu. Uma das características do pangermanismo era a pauta da uniformidade étnica e a hierarquização dos povos a partir da noção superior-inferior – de modo que não parecia difícil justificar a exploração, deslocamentos forçados e, no limite, o extermínio de populações colonizadas. Desta forma, a Alemanha passou a explorar algumas regiões da África, localizadas nos atuais países de Camarões, Togo, Namíbia, Tanzânia, Ruanda e Burundi – condição que duraria até 1918 quando, derrotada na 1ª Guerra Mundial, a Alemanha perdeu suas posses (sendo esta uma das fontes de ressentimento da qual beberá mais tarde o Partido Nazista). Os nativos das

04

05

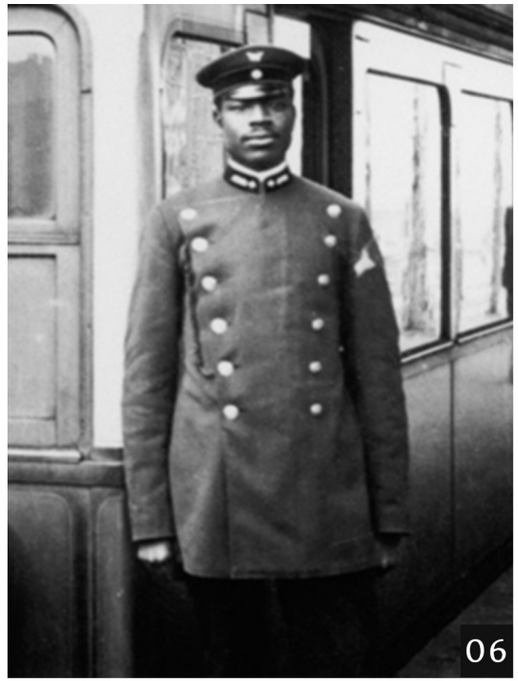
colônias, subordinados ao Reich mas sem status de cidadãos, podiam preservar suas leis desde que não entrassem em conflito com as autoridades. Como ocorreria mais tarde sob regime nazista, o Estado criava leis que autorizavam a violência e a proibição de casamentos mistos, denotando um forte caráter racial na colonização alemã.

O cumprimento dessas leis era assegurado pela Schutztruppe, tropas coloniais compostas em sua maioria por pessoas recrutadas em meio à população local, sendo comum deslocar indivíduos para exercerem a função policial em território de outra etnia que não a sua. Esta era uma ferramenta semelhante à colonização efetuada por outros países europeus e que auxiliava a criar hierarquias e pequenas redes de privilégios – mecanismos que ajudavam a evitar revoltas.

Martin Dibobe

Martin Dibobe nasceu em 1876 em Bonapriso, hoje parte de Douala, maior cidade dos Camarões e porto no Golfo da Guiné. Seu nome original, Quane, foi alterado por missionários. Chegou a Alemanha aos 19 anos para se apresentar na Exposição de Berlim. Sua tarefa era simular culturas tribais africanas no Treptower Park, um "zoológico humano" comum na Europa imperialista. Durante seis meses, Dibobe foi apresentado como "exibição exótica" junto a outros africanos, todos das colônias alemãs. Uma experiência humilhante para ele, filho de um chefe Douala. Essas exposições tornaram-se comuns na Alemanha, uma nação orgulhosa de suas colônias, que queria medir forças com poderes prósperos como a Grã-Bretanha e a França.

Mas Dibobe ergueu-se, tanto profissional quanto socialmente. Após o fim da exposição, iniciou o aprendizado como serralheiro. No início de 1900, envolveu-se com a alemã Helene Noster, filha de seu chefe, casando-se mesmo com as dificuldades impostas pelas autoridades coloniais. Em 1902, passou a trabalhar como condutor de trem, mas logo tornou-se comandante dos bondes. Em Berlim, Dibobe rapidamente se tornou uma celebridade local.


06

07

Após a 1ª Guerra Mundial, Dibobe apoiou a independência das antigas colônias africanas. Ele era abertamente simpatizante dos social-democratas e apoiava a igualdade dos africanos. Em 27 de junho de 1919, em uma petição ao Reichstag, ele exigiu direitos civis para todos os imigrantes das colônias alemãs. O Manifesto, assinado por outros ativisitas, é um dos documentos políticos mais importantes dos imigrantes africanos na primeira metade do século XX.

Em 1922, Martin retornou sozinho a Camarões, que estava sob administração da França. Os franceses temiam que Dibobe liderasse uma revolta pró-alemã e não permitiram que ele desembarcasse. Dibobe não teve escolha senão viajar para a atual Libéria. A partir daí, sua pista se perdeu. Nunca mais ouviu-se falar em Dibobe. Em 2016, no dia do seu 140º aniversário de nascimento, foi inaugurada uma placa comemorativa na antiga casa onde ele vivia, em Berlim.

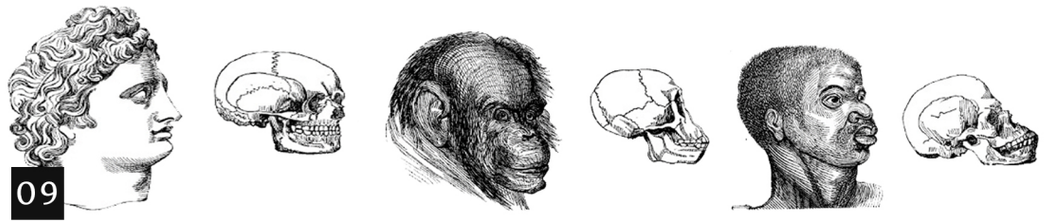
08

Teorias raciais
no século XIX

A porção final do século XVIII e o século XIX assistiram os princípios iluministas ganharem cada vez mais espaço no imaginário social europeu, tendo como maior símbolo a Revolução Francesa. A religião e as igrejas, sem desaparecerem, foram gradativamente perdendo espaço na esfera pública - e já não eram legitimadoras automáticas de políticas estatais. O direito divino como legitimador do poder era cada vez mais questionado. Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade se espalhavam por toda a Europa. Ainda que não tivessem promovido uma igualdade plena, já não admitiam hierarquias e divisões sociais rígidas e intransponíveis determinadas por laços sanguíneos (como ocorria com a nobreza no Antigo Regime).

No entanto, a ascensão dos ideais iluministas foi contemporânea da corrida imperialista das potências europeias na Ásia e na África. Surgia assim uma contradição bastante evidente entre os ideais modernos e o tratamento que os mesmos europeus dispensavam às populações das suas colônias. A "solução" dessa contradição não foi um regresso a justificativas religiosas (ainda que as missões cristãs tenham tido importante papel), as quais já não teriam a mesma credibilidade de outros tempos, mas uma resposta arraigada em seu tempo: a Ciência, cujas conclusões são hoje consideradas "pseudociência".

Surgiram estudos pretensamente biológicos e antropológicos, ou seja, supostamente científicos, que culminaram em teorias que justificavam a exploração das populações das



09

10

museu do Holocausto CURITIBA | BR

colônias por serem biologicamente inferiores ou menos aptas. Os ideais da Revolução Francesa seriam aplicáveis, portanto, somente àqueles racialmente semelhantes (europeus), e não ao restante dos seres humanos.

Surgia assim um racismo pretensamente científico (e portanto, detentor de uma "verdade") que dividia a humanidade em raças biologicamente definidas - conceito esse totalmente rejeitado pela Biologia contemporânea. Dependendo do teórico, essas raças poderiam ter uma essência imutável ou estar em estágios diferentes de evolução. Em ambos os casos, a teoria servia para hierarquizar a humanidade, estando os brancos europeus (e as vezes um grupo específico entre eles, como os autodenominados "arianos") acima do restante.

Dois dos mais influentes teóricos do racismo "científico" foram o Conde de Gobineau (1816-1882) e Francis Galton (1822-1911). Ambos tinham como princípios a crítica à miscigenação racial que, segundo eles, degeneraria os descendentes, que se tornariam inferiores aos progenitores. Galton, através de uma leitura deturpada da obra de seu primo Charles Darwin, criou o conceito de Eugenia, técnicas que permitiram o melhoramento genético (e racial) através do combate à miscigenação.

Essa leitura corrompida de Darwin também resultou no "Darwinismo Social". Esse conjunto de teorias considerava que, tal como Darwin descrevia para espécies diferentes, as supostas raças humanas poderiam ser classificadas em mais e menos aptas, as últimas fadadas a extinção. A exploração e o extermínio das raças supostamente menos aptas estariam justificados, assim, pela "natureza".

A África e sua população majoritariamente negra serviu como grande "laboratório" para essas teorias racistas, uma "ciência" que convenientemente ajudava aos interesses de exploração das populações locais pelas potências europeias. Logo essas mesmas teorias seriam usadas também dentro da Europa para discriminar, explorar e exterminar populações vistas como racialmente inferiores, tais como judeus, negros e ciganos. Essa pseudociência foi base para a criação, poucos anos depois, da ideologia racial nazista.

Genocídio dos hereros e namaquas

Namíbia (1904-1907)

"Eu assumo absolutamente que, com esse decreto, fique claro que não se deve mais fazer quaisquer prisioneiros masculinos, mas que não degenere em atrocidades contra mulheres e crianças. Elas fugirão quando atirarem duas vezes sobre as suas cabeças. As tropas devem ter consciência da reputação dos soldados alemães."

General alemão **Lothar von Trotha,**
02 de Outubro de 1904.

12

Muitas pessoas nunca ouviram falar no assassinato sistemático de dezenas de milhares de pessoas no território que hoje pertence a Namíbia, na África, no início do século XX. O massacre foi precedido por uma insurreição de dois grupos étnicos, os hereros e os namaquas, contra os colonos alemães que ocupavam cada vez mais terras tribais. Práticas racistas e discriminatórias introduzidas pela potência colonial também contribuíram para o cenário de revolta, com fins dramáticos para os africanos.

Em 12 de janeiro de 1904, os hereros (um povo pastoril que habita a Namíbia, o Botsuana e Angola), sob a liderança armada de Samuel Maharero, organizaram uma rebelião contra o domínio colonial alemão. Em agosto, o general alemão Lothar von Trotha derrotou os hereros na batalha de Waterberg e dirigiu-os para o deserto de Omaheke, onde a maioria deles morreu de sede. Em outubro, os namaquas, que já haviam se revoltado no ano anterior, também pegaram em armas e foram tratados de forma semelhante.

De um total de cerca de 100 mil integrantes dos dois grupos, estima-se que pelo menos 80 mil homens, mulheres e crianças foram mortos por balas, canhões, fome ou sede. O extermínio foi oficial, com a chancela do poder imperial. Duas características foram a morte por inanição e o envenenamento de poços utilizado contra os hereros e namaquas, enquanto presos no deserto. O estupro em massa de mulheres também foi constante.

Durante décadas, a Alemanha negou-se a classificar os massacres como "genocídio". Em 1985, a ONU reconheceu a tentativa da Alemanha de exterminar os hereros e namaquas como um dos primeiros genocídios do século XX – assim como, por exemplo, o massacre do Reino Unido contra os bôeres na África do Sul (1899-1902) e a atuação da Bélgica no Congo (1895--1908).

Em 2011, representantes da Namíbia foram até a capital alemã na ocasião da repatriação de 20 crânios de vítimas herero, devolvidos por um hospital do país europeu. As negociações entre Alemanha e Namíbia são o resultado de um longo processo iniciado logo após o país se tornar independente da África do Sul, em 1990. Porém, apenas no ano de 2016, o governo alemão admitiu oficialmente de que se tratou de um genocídio. A Alemanha ainda não pediu desculpas - prometeu pedir, mas não há progressos nas negociações entre os dois países. Ela se recusa a falar sobre reparações e propõe oferecer compensações por meio de projetos de infraestrutura e ajuda financeira para a Namíbia.

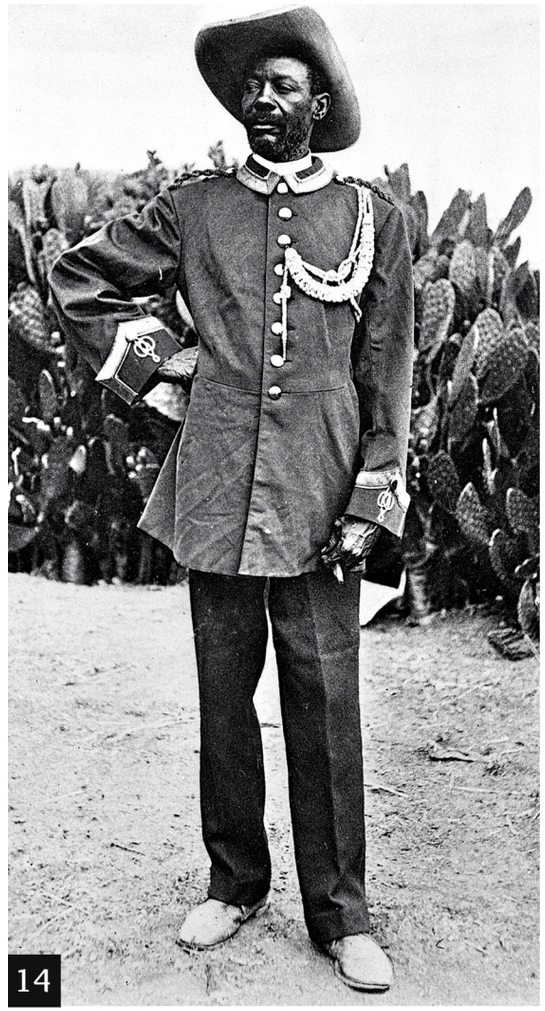
Samuel Maharero

Samuel Maharero nasceu em 1856, no sudoeste africano. Era filho de Maharero, um guerreiro herero e criador de gado. Frequentou escolas luteranas, onde foi visto como um sacerdote em potencial. Quando seu pai morreu em 1890, recebeu uma área de pastoreio em Okahandja.

Inicialmente, manteve boas relações com a administração colonial alemã. No entanto, os problemas crescentes envolvendo ataques de agricultores alemães, dificuldades econômicas e pragas, além do uso de terras para construção de estradas de ferro, estremeceram as relações. Irritado pelos maus tratos do povo herero por colonos alemães e administradores coloniais, que consideravam as tribos como uma fonte barata de trabalho para o algodão e outras culturas de exportação, Marero secretamente planejou uma revolta com outros chefes, embora ciente das baixas probabilidades de sucesso.

Numa carta ao líder namaqua Hendrik Witbooi, ele escreveu: paciência em relação aos alemães não nos trouxe vantagens. Por isso, faço um apelo, meu irmão, para que participes da nossa revolta, de modo a toda a África levantar suas armas contra os alemães." Porém, esse sonho de Maharero não se tornou realidade.

13



14

Samuel permaneceu líder do exército herero no exílio e tornou-se um vassalo importante do chefe local. Maharero morreu lá, em 1923. No mesmo ano, seu corpo foi devolvido a Okahandja e foi enterrado de forma cerimoniosa, sendo lembrado anualmente.

Desde então, a comemoração constitui um dos mais importantes ritos de preservação da memória coletiva dos herero. Simbolicamente, o túmulo de Maharero serve como “catalisador” ao sentimento de pertencimento dos membros daquela comunidade étnica. Samuel Maharero é um dos nove heróis nacionais da Namíbia imortalizados num memorial inaugurado em 2012.

Negros na República de Weimar

Até hoje, as histórias dos negros que viviam na Alemanha antes da chegada dos nazistas ao poder permanecem desconhecidas. Naquela época, não era apenas através da cultura e da arte que eles se faziam notar, mas também por meio de sua simples presença nas ruas: imigrantes do Caribe, africanos, norte-americanos que haviam fugido da crise econômica, diplomatas, imigrantes das colônias e marinheiros. Estima-se que 25 mil negros viviam na Alemanha, durante os anos 1920.

Esse crescimento foi acentuado com o fim da 1ª Guerra Mundial, em que a Alemanha tornou-se a principal nação derrotada. Em 1919, o país assinou o Tratado de Versalhes com os países vitoriosos, os quais exigiram o pagamento de reparações econômicas, militares e territoriais. No total, a Alemanha cedeu 13% do seu território. Fora da Europa, perdeu todas as suas colônias – o que gerou o retorno de centenas de militares, missionários, burocratas e colonos – muitos casados e com seus filhos mestiços.

O Tratado previa ainda a completa desmilitarização da região da Renânia, no oeste da Alemanha, ocupada por tropas francesas – que se somaram aos remanescentes da própria Guerra, que não tinham condições de regressarem para suas comunidades. Alguns destes militares vinham de colônias francesas na África e se casaram ou mantiveram relacionamentos com mulheres alemãs, que também geraram filhos mestiços. É neste momento que surge o termo depreciativo "Rheinlandbastarde" – em português, os "bastardos da Renânia".

O uso das tropas coloniais francesas exacerbava o racismo na Alemanha. A propaganda racista contra soldados negros os retratava como estupradores de mulheres alemãs e portadores de doenças venéreas. Eles eram caracterizados em formas

grotescas, apresentados como um risco à integridade racial do país e uma vergonha nacional.

Por isso, as crianças afro-germânicas eram marginalizadas na sociedade alemã, isoladas social e economicamente, e não podiam frequentar as universidades. A discriminação racial proibiu-os de buscar a maioria dos empregos, incluindo o serviço militar, gerando uma situação de isolamento e desprezo.

Os nazistas, na época um pequeno movimento político-ideológico, os consideravam uma grave ameaça à pureza da raça germânica. Em sua obra "Mein Kampf", Hitler referiu-se a estas crianças como uma "ofensa" para a Alemanha e acusou os judeus de "trazerem os negros para a Renânia com o objetivo claro de arruinar a raça branca odiada pela 'bastardização' necessariamente resultante".

16

O cenário democrático da República de Weimar, se não perseguiu seus habitantes afro-germânicos, os condenou ao ostracismo e ao afastamento da vida pública. A efervescente vida cultural, num curto e rico período de liberdade na Alemanha acostumada a regras e autoritarismo, possibilitou que eles circulassem socialmente, mesmo marginalizados. A vida de quem tinha a pele negra na Alemanha passou a ser perseguida oficialmente pela sombra do nazismo e suas ideias sobre o "puro" povo alemão.

17

18

Negros na Alemanha Nazista

O destino da maioria dos negros que vivia na Alemanha dos anos 1930 é duvidoso e incerto. Com a ascensão do Partido Nazista, em 1933, eles também se tornaram um alvo da política racial e populacional. Porém, a falta de um plano sistemático de extermínio, devido a pequena proporção de negros, permitiu que muitos sobrevivessem num limbo social ou tentassem escapar de sua pátria.

As leis raciais de Nuremberg de 1935, chamadas de "Leis para a proteção do sangue e da honra alemãs" – que privaram os judeus de sua nacionalidade e lhe proibiram de se casar ou de ter relações sexuais com pessoas de "sangue alemão" – também foram aplicadas a comunidade afrodescendente. Mas como não citavam explicitamente os negros, a perseguição não tinha um caráter organizado. Como afirmou um sobrevivente anos depois, "sobrevivi graças a um descuido das leis raciais. Não éramos em número suficiente em nossa cidade para que os nazistas se lembrassem de mim."

A partir dessas leis, apesar dos negros alemães serem nascidos na Alemanha e filhos de cidadãos alemães, a concessão de cidadania tornou-se impraticável. Os nazistas chegaram a lhes entregar passaportes, chamando-os de "negros apátridas" – o que lhes tornou impossível encontrar emprego formal, deixando poucas fontes de renda disponíveis. Alguns foram usados como trabalhadores forçados e classificados como "estrangeiros". Outros eram usados como figurantes e atores de filmes e espetáculos de propaganda nazista sobre as colônias africanas perdidas pela Alemanha, como a famosa mostra Afrika Schau.

Nesse período, a Alemanha preparava-se para sediar as Olimpíadas – já questionada pelos países democráticos ocidentais. A Alemanha utilizou os Jogos Olímpicos com propósitos propagandísticos ao criar a imagem de uma Alemanha forte

e unida, ao mesmo tempo em que mascarava o racismo de seu regime. Poucos meses antes, uma política entitulada "somente para arianos" foi instituída em todas as organizações atléticas alemãs. Os atletas "não-arianos"- judeus, negros e ciganos - foram sistematicamente excluídos das associações esportivas.

A Alemanha obteve o maior número de medalhas, mas foi simbolicamente derrotada, ofuscada por um atleta norte-americano. Jesse Owens já sofria com o racismo desde sua infância e, aos 23 anos, chegou a Berlim e venceu os 100 e 200 metros rasos, o revezamento de 400 metros e o salto em distância. O atleta tornou-se um grande ídolo, aclamado pela juventude alemã, para ira do regime.

Com o fim dos Jogos, a política racial foi intensificada. O medo nazista de uma "poluição racial" levou a um dos principais crimes cometidos contra essa comunidade: a implementação de políticas "higienistas raciais". Em 1937, uma operação secreta nazista levou a esterilização forçada de 400 crianças "bastardas da Renânia". Alguns foram submetidos a experimentos médicos, outros misteriosamente "desapareceram".

20

Durante a 2ª Guerra Mundial, as crianças negras foram oficialmente excluídas das escolas públicas de toda a Alemanha. Entretanto, poucos alemães de origem africana foram realmente presos em campos de concentração. Alguns afro-americanos, capturados na Europa ocupada, também se tornaram vítimas do regime nazista, enfrentando o encarceramento ilegal e maus tratos. Nesses casos, a própria cor da pele os identificava como "diferentes". Entretanto, ao contrário dos judeus, os negros alemães nunca receberam qualquer indenização por parte de seu país.

21

Hans J. Massaquoi

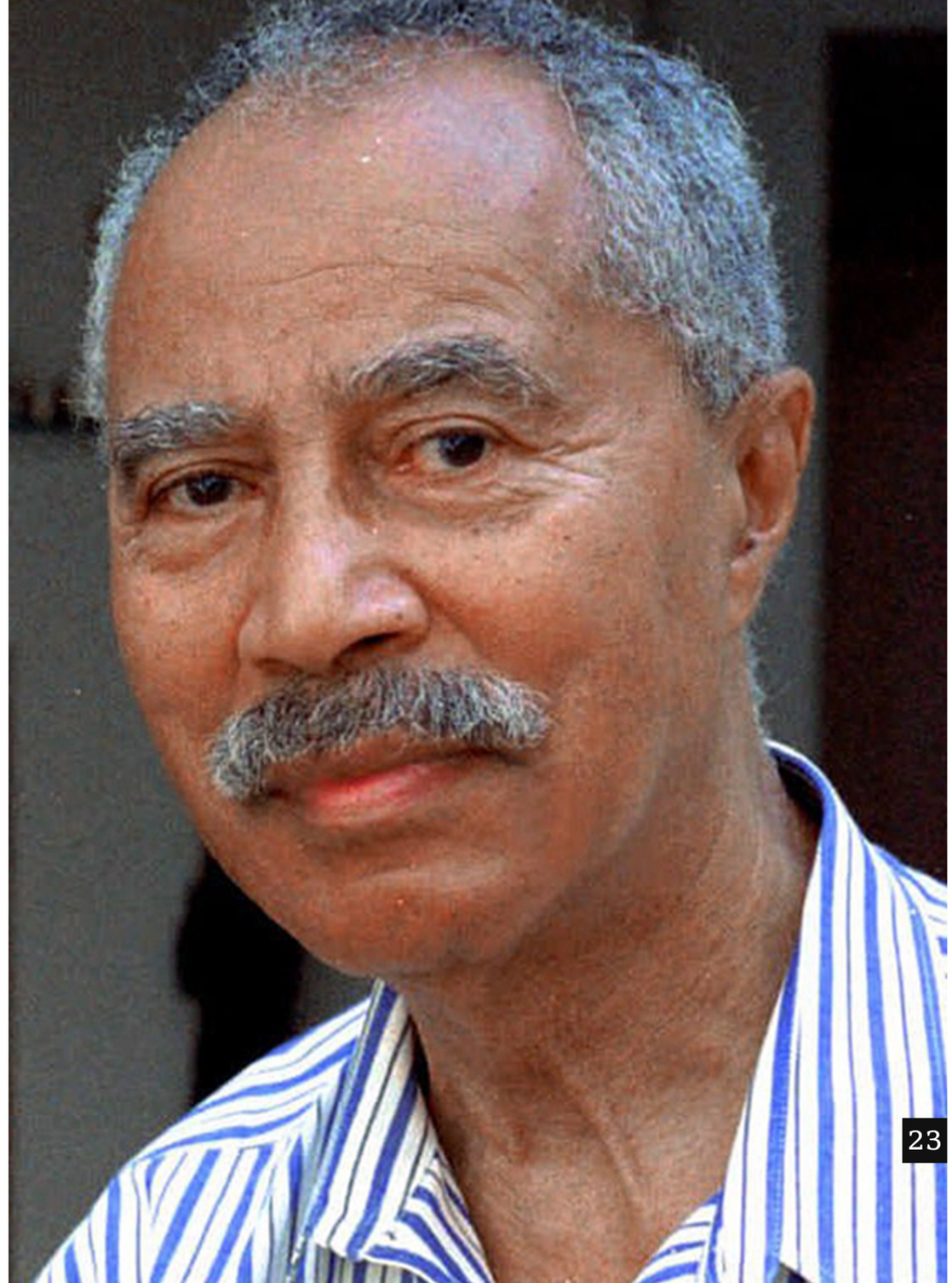
Hans Massaquoi nasceu em 1926 e acompanhou a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha. Neto do cônsul geral da Libéria em Hamburgo, era filho de pai africano e mãe alemã. Na infância, teve uma vida privilegiada por ser parente de um diplomata.

No entanto, esta situação mudou radicalmente quando o pai e o avô regressaram à Libéria em 1929. No ano de 1934, Hans tentou se juntar à Juventude Hitlerista, assim como os amigos, mas seu pedido foi negado. Não podia brincar mais em determinados lugares, já que crianças "não arianas" passaram a ser proibidas de circular na maioria dos espaços. Já adulto, foi impedido de se juntar ao exército alemão e prosseguir com a sua educação.

Quando o jovem Hans visitou o zoológico de Hamburgo, sua ligação emocional com o nazismo foi finalmente cortada. No zoológico, numa jaula a céu aberto, entre os animais, ele viu uma família africana sendo provocada e zombada pela multidão. Massaquoi era só outra criança se aproximando cautelosamente da jaula até que alguém da multidão apontou para ele e gritou "Eles tiveram um filho". Essa foi a primeira vez que ele foi alvo de escárnio público.

Hans tornou-se um aprendiz de maquinista, trabalhou como saxofonista e, após a Guerra, emigrou para os Estados Unidos com um visto de estudante. Embora não fosse cidadão americano, serviu por dois anos como soldado paraquedista durante a Guerra da Coreia. Posteriormente, se formou em jornalismo na Universidade de Illinois e teve uma carreira de quase 40 anos na revista Ebony. Hans Massaquoi faleceu em 2013, em Nova Orleans.

22



23

Josef Nassy

Josef Nassy nasceu em 1904, no Suriname, descendente de judeus que haviam fugido da Espanha durante a Inquisição. Foi viver com seu pai em Nova York, onde se graduou em Engenharia Elétrica. Em 1929, conseguiu um emprego na Inglaterra. No ano seguinte, foi enviado a Paris e para a Bélgica, a trabalho. Antes de partir para a Europa, havia conseguido um passaporte norte-americano.

Em 1934, largou o emprego e decidiu começar a pintar. Iniciou os estudos na área e, em 1939, casou com uma belga. Com a entrada dos Estados Unidos na Guerra, foi preso como inimigo de Estado em 1942 e enviado aos campos de trabalho forçado de Beverloo e de Laufen-Tittmoning.

Durante os três anos de prisão, o artista criou um diário com mais de 200 pinturas e desenhos. Em 1945, ele foi liberado do campo. Voltou a Bélgica, recuperou todo o seu trabalho e participou de uma série de exposições sobre arte e Holocausto. Em 1992, parte de sua coleção foi doada ao Museu do Holocausto dos Estados Unidos. Faleceu em 1976.

24

Johnny Voste

Johnny Voste nasceu no Congo, quando o país ainda pertencia a Bélgica. Lutou pela resistência belga e, em 1942, foi preso por um ato de sabotagem na cidade de Malignes, perto de Antuérpia. Os nazistas o enviaram ao campo de concentração de Dachau, onde era o único prisioneiro negro.

Johnny ficou conhecido por distribuir vitaminas aos outros detentos, o que salvou a vida de milhares de pessoas desnutridas. Seu lema era "não, você não pode ter a minha vida, eu lutarei por ela". Johnny sobreviveu até a chegada da libertação. Reconstruiu sua vida na Bélgica, onde faleceu em 1993.

25

Valaida Snow

Valaida Snow nasceu nos Estados Unidos, em 1904. Criada por uma família ligada ao show-business, aprendeu a tocar diversos instrumentos, cantar e dançar. Aos 15 anos, já era uma profissional da música. Louis Armstrong a considerava a segunda melhor trompetista de jazz do mundo – ficando atrás dele.

Durante anos, fez turnês pelo mundo inteiro. Quando passava pela Dinamarca, em 1941, foi detida pelos nazistas e, provavelmente, enviada a Vestre Fængsel, a maior prisão do país, localizada em Copenhagen. Conseguiu ser liberada em 1942, com uma troca de prisioneiros. Após este período, nunca mais conseguiu recuperar o sucesso. Ela nunca se recuperou emocionalmente da experiência. Ela faleceu em 1956, na cidade de Nova York.

26

27

museu do Holocausto CURITIBA | BR

Bayume Mohamed Hussein

Bayume Mohamed Hussein, ou Mahjub bin Adam Mohamed, nasceu em 1904, na Tanzânia (à época, colônia alemã). Ele serviu na 1ª Guerra Mundial pela força de proteção da África Oriental Alemã, como uma criança-soldado. Mais tarde, quando foi viver em Berlim, pediu indenização pelos trabalhos prestados, reivindicação esta que acabou sendo negada.

Trabalhou como garçom, assistente de línguas e ator. Apesar de ter lutado pela Alemanha, não recebeu o distintivo denominado "Frontkämpfer-Abzeichen", que era concedido em honra aos veteranos, da linha de frente. Em 1939, ele ainda tentou se alistar para lutar contra os britânicos, mas foi proibido.

Em agosto de 1941, Bayume foi preso pela Gestapo e enviado ao campo de concentração nazista de Sachsenhausen por se relacionar com uma mulher alemã. Ele faleceu três anos depois, no local. Um memorial em sua homenagem foi construído em 2007, em frente a casa em que morava, em Berlim.

28

Gert Schramm

Gert Schramm nasceu em 1928, em Thüringia, na Alemanha. Em 1941, o pai dele, um homem negro americano que havia emigrado para a Europa a trabalho, foi preso por violar as leis de pureza racial ao ter um filho com uma alemã branca. Em 1944, após encerrar os estudos e conseguir um emprego como ajudante de mecânico, Gert foi preso pela Gestapo.

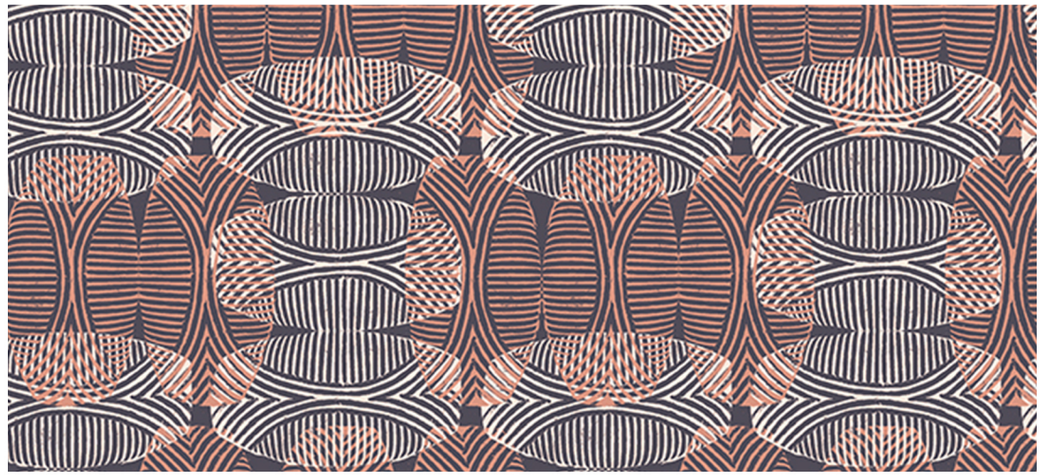
Aos 15 anos, foi enviado para o campo de concentração nazista de Buchenwald, onde recebeu o número 49489 tatuado no braço esquerdo. Em 1945, com a liberação do campo, voltou para Bad Langensalza, cidade onde foi criado, para reencontrar a mãe. O pai havia falecido no complexo de extermínio de Auschwitz. Gert passou os anos seguintes falando com estudantes sobre o tempo que passou detido. Ele morreu em 2016, na Alemanha.

29

Hans Hauck

Hans Hauck nasceu em Frankfurt, em 1920, filho de um soldado argelino que servia no exército francês. Sua mãe vinha de uma pequena cidade católica, onde conheceu o soldado Benmansur Belabissi. Naquele tempo, uma gravidez sem ser casada era inimaginável, ainda mais de um "soldado de ocupação". Em 1933, enquanto vivia em Sarre, Hans entrou para a Juventude Hitlerista. Mais tarde, conseguiu um emprego com a ajuda de um oficial da SS.

Quando chegou a adolescência, Hans foi forçado à esterilização, sem nenhum tipo de anestésico. Após o procedimento, os nazistas o liberaram para ir, desde que não tivesse nenhuma relação sexual com mulheres alemãs. Estas ações se enquadravam na Lei de Pureza Racial. Seis anos depois, Hans foi proibido de entrar no exército. Após uma tentativa de suicídio falha, conseguiu finalmente ingressar no exército alemão em 1942, com a ajuda do pai. Foi esta condição que o ajudou a sobreviver ao regime de Hitler. Chegou a ser capturado pelo Exército Vermelho em 1945, sendo liberado em 1949. Hans faleceu em 2003.



Hilarius Gilges

Hilarius Gilges foi um ator e dançarino de sapateado afroalemão. Sua mãe Maria Stüttgen era uma trabalhadora têxtil em Düsseldorf. A origem de seu pai biológico, não se sabe ao certo, mas especula-se que tenha sido um africano que trabalhava em um barco rebocador. Mais tarde, Maria casou-se com Franz Peter Gilges, dando ao menino o nome da família.

Tornou-se ator de um grupo de teatro amador e ativista político, sendo preso em 1931 e condenado a um ano de prisão por posse ilegal de armas. No início de 1933, com a chegada de Hitler ao poder, Hilarius passou a chamar a atenção dos nazistas devido a sua filiação política e a cor da pele. Em junho do mesmo ano, ele foi sequestrado de seu apartamento, na cidade de Altstadt, distrito de Düsseldorf, e brutalmente torturado e assassinado. Acredita-se que seus perpetradores tenham sido seis membros da Gestapo.

Sua viúva e os dois filhos sobreviveram ao período nazista, provavelmente porque foram ajudados por vizinhos. Em 2003, uma praça de Düsseldorf recebeu o nome de Hilarius Gilges. Quinze anos antes, uma placa já havia sido colocada no local próximo do seu assassinato.

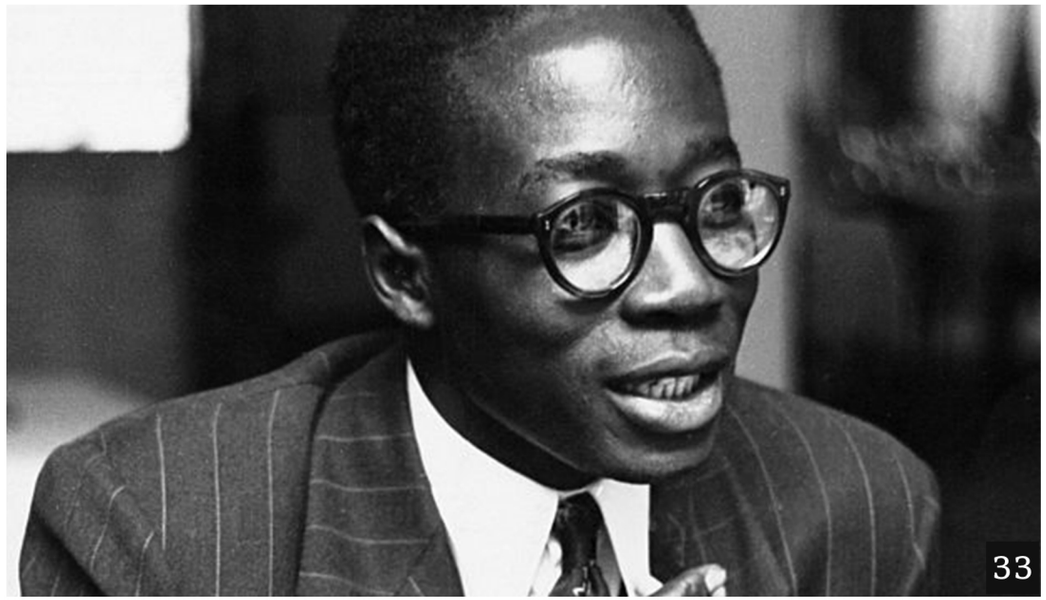
31

32

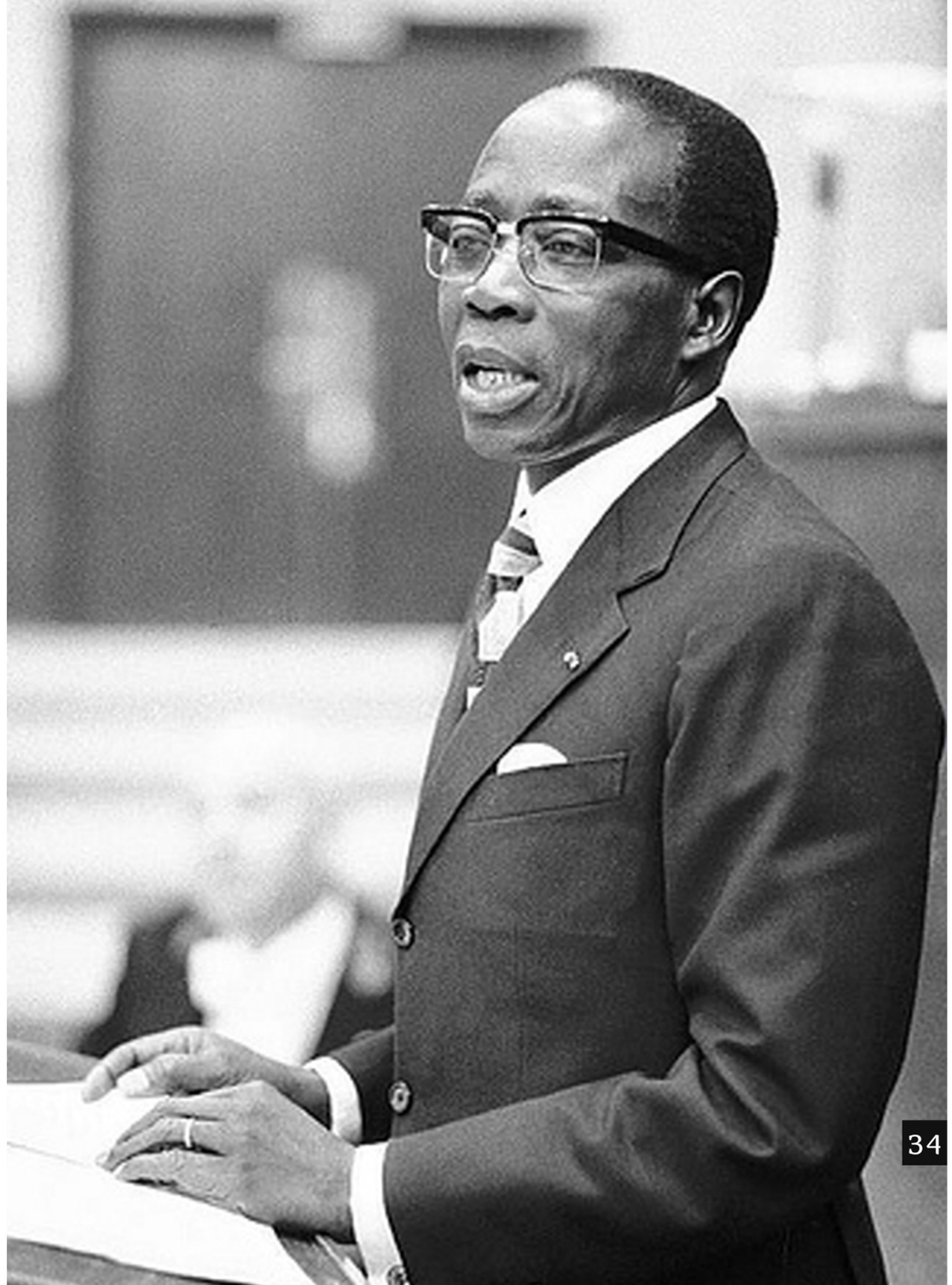
Leopold Sedar Senghor

Leopold Sedar Senghor nasceu em 1906, no Senegal. Em 1928, foi estudar em Paris, onde conseguiu ingressar na Sorbonne. Tornou-se o primeiro africano a completar um licenciatura nesta universidade. Atuou como escritor e político, vindo a ser presidente do Senegal entre 1960 a 1980. Como escritor, desenvolveu a Négritude, um movimento literário que exaltava a identidade negra, lamentando o impacto negativo que a cultura europeia teve junto das tradições africanas.

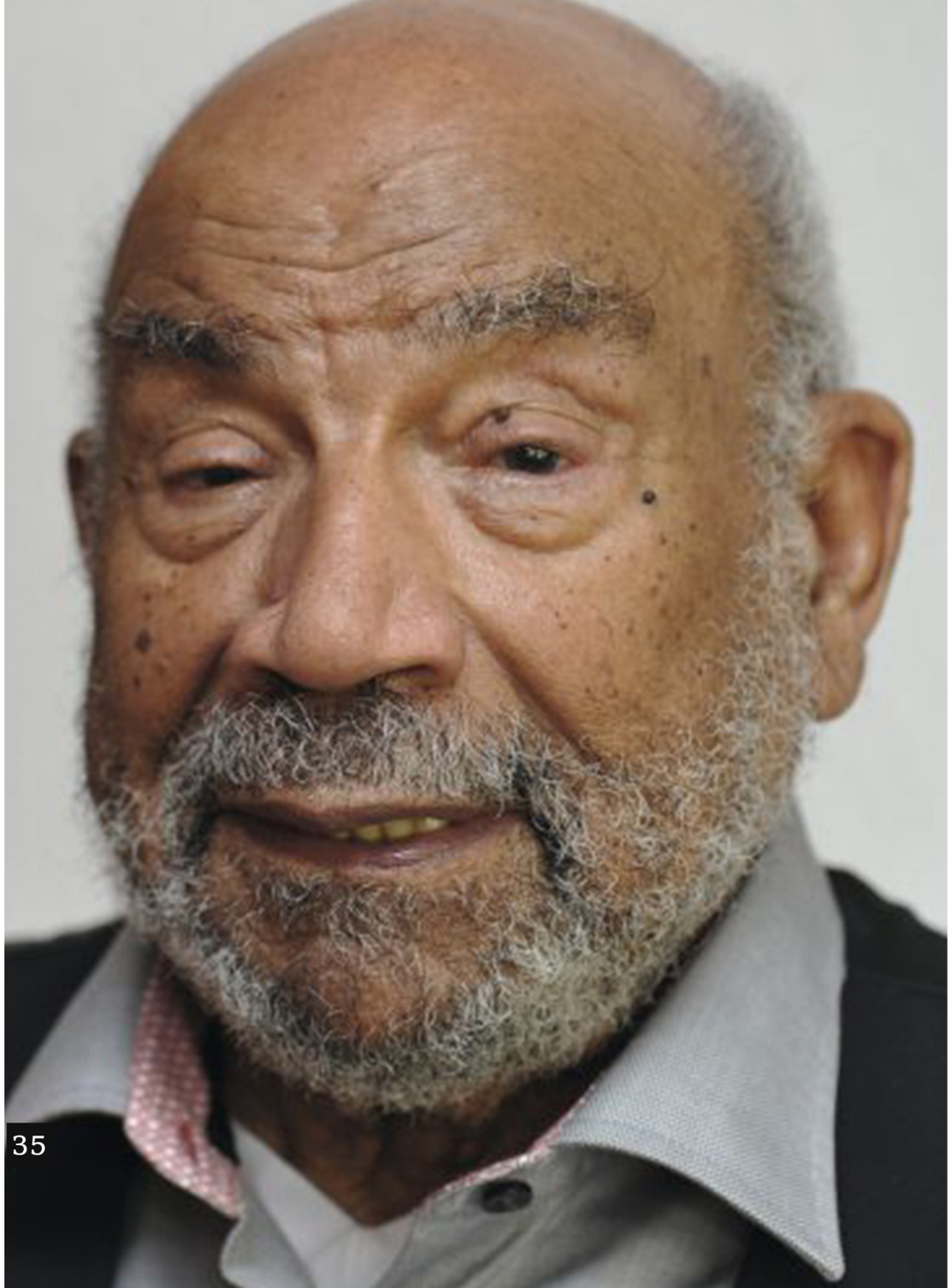
Durante a Segunda Guerra Mundial, esteve preso por dois anos em um campo de concentração nazista. Foi só depois da liberação que seus ensaios e poemas seriam publicados. Leopold também foi eleito membro da Academia Francesa de Letras e agraciado com prêmios da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada e da Universidade de Évora. Faleceu em 2001, na França.



33



34



35

Theo Wonja Michael

Theo Wonja Michael nasceu em Berlim, em 1925. O pai, o camaronês Theophilus Wonja Michael, chegara à cidade em 1894, onde teve quatro filhos com a esposa alemã Martha Wegner, que morrera antes de Theo completar um ano. Em 1936, após a publicação das Leis de Nuremberg, os irmãos de Michael partiram para a França, enquanto ele decidiu ficar no país. Trabalhou como carregador de malas no Hotel Excelsior de Berlim, até ser expulso por um hóspede. Seu passaporte foi recolhido e tornou-se “apátrida”.

Após rodar a Europa num “zoológico humano”, Michael foi “convidado” pelos nazistas para participar do primeiro filme de cor alemão, “Muenchhausen”. Posteriormente, descobriu que a obra havia sido desenvolvida por Goebbels como propaganda racista. Em 1943, foi levado para um campo de trabalhos forçados na região de Berlim. Michael ficou no local até a liberação pelos Russos, em 1943.

Depois de 1945, trabalhou como funcionário civil com as tropas de ocupação dos EUA Estudou Ciências Políticas em Hamburgo e Paris, obtendo diploma em Economia. Trabalhou como jornalista e tornou-se editor-chefe da revista "Afrika Bulletin". Na década de 1960, reencontrou seus irmãos Juliana e James. Hoje ele vive em Colônia, na Alemanha, e é um membro ativo da comunidade alemã negra.

Lionel Romney

Lionel Romney nasceu na pequena ilha St. Martin, nas Antilhas, em 1912. Dedicou a vida ao mar. Era um vaporino (termo usado no Panamá para identificar aqueles que trabalham em navios), até que, em 1940, seu barco quebrou no Mediterrâneo e foi feito prisioneiro pelo exército italiano. Lionel foi conduzido pelos Alpes, passando por Bolzano, Innsbruck, Linz, e, em 1944, chegou ao campo de concentração nazista de Mauthausen.

Falava inglês e espanhol, aprendeu a se comunicar em alemão, italiano, francês e holandês, habilidade que impediu seu extermínio, antes da liberação do local, em maio de 1945. Ele foi o único negro mantido neste campo a sobreviver. Após a guerra, viajou para a Holanda e, de lá, imigrou para os Estados Unidos, onde faleceu em 2004.

36

Darwin Nichols

Darwin Nichols nasceu em Portland, Oregon. Piloto, serviu o exército dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Em setembro de 1944, foi declarado desaparecido em combate. Ele foi encarcerado na prisão da Gestapo em março de 1945.

De maneira geral, os negros presos pelos nazistas, em especial os que serviam países inimigos, recebiam um tratamento pior do que os brancos. O corpo de Darwin foi encontrado em junho de 1945, no rio Lahn. Acredita-se que tenha sido assassinado ao tentar escapar. Ele está enterrado no Cemitério e Memorial Americano de Ardenas, na Bélgica.

Jean Marcel Nicholas

Jean Marcel Nicholas nasceu em 1918, no Haiti. Foi estudar na França, país de origem dos pais, onde também serviu à Marinha. Com o início da Guerra, prestou serviços de inteligência para os Aliados, mas acabou preso pela Gestapo, em Paris, acusado de colaborar com a resistência francesa. A denúncia foi feita pela namorada. Em 1943, foi enviado a prisão de Fresnes, de onde foi transferido para o campo de concentração nazista de Royallieu, no norte da França.

Em janeiro de 1944, Jean recebeu o número 44451 no campo de concentração nazista de Buchenwald. De lá, Jean foi mandado para Dora-Mittelbau e Rottleberode. Durante sua trajetória, ficou conhecido como "doutor", por tratar da saúde de outros prisioneiros. Em 1945, foi resgatado pelas tropas americanas, quando já estava infectado pela tuberculose. Algumas literaturas afirmam que esta foi à causa de sua morte, três meses após o fim da Guerra.

37

38

Holocausto e Direitos Humanos na ordem global

-Clínica de Direitos Humanos/PUCPR

O mês da Consciência Negra nos convida a refletir sobre todas as formas de discriminação e a necessidade de proteção de Direitos Humanos. A discriminação foi o fio condutor para uma das maiores tragédias da humanidade, o Holocausto, quando milhões de vidas foram ceifadas por conta da perseguição promovida pelo regime nazista.

O Holocausto foi responsável pela internacionalização dos Direitos Humanos e pela profusão de normas internacionais que passaram a ser elaboradas no pós-Segunda Guerra Mundial, especialmente pela Organização das Nações Unidas (ONU), como a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 e a Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial, de 1963. Ficou muito claro que sem proteção formal, falar de Direitos Humanos não significaria nada. Dentre as tristes lições do exemplo do Holocausto, a humanidade percebeu a necessidade de criação de sistema efetivo de proteção aos Direitos Humanos.

Estes documentos internacionais trazem normas que possibilitam exigir que os diversos países respeitem preceitos ligados aos Direitos Humanos. Outro aspecto importante é a influência que eles operam na elaboração de leis domésticas e na conscientização que procuram provocar em todos nós. Assim, colaboram na missão de criar um mundo onde os eventos similares ao Holocausto jamais voltem a acontecer.

Não importa o motivo que leve à discriminação, ela deve ser afastada em quaisquer de suas formas. As pessoas devem compreender que há várias diferenças entre nós: a cor de pele, de cabelo e de olhos, a religião que professamos ou não, a orientação sexual, a identidade de gênero, entre outras. Nenhuma delas, no entanto, deve ser justificativa para diminuir ou negar a humanidade em cada um de nós. Os Direitos Humanos são pilares na sociedade global atual e não podem ser de forma alguma menosprezados.

Holocausto, Consciência Negra no Brasil e o caso do Paraná

Nossos passos vêm de longe... Desde a chegada dos primeiros homens e mulheres trazidos à força para o Brasil, temos consciência e enfrentamos a violência e o racismo. Sequestro, trabalhos forçados, chicote, tronco, mutilação, estupro, presídio, exclusão, genocídio... Fomos o último país das Américas a abrir mão do trabalho escravo. Haja axé para vencer as agruras do racismo.

Pouco depois da abolição da escravatura no Brasil, o racismo culminou, na Alemanha nazista, com o extermínio da população judaica, cigana, negra, homoafetiva ou com deficiência. O horror do Holocausto sensibilizou diversas nações do mundo, que se dispuseram a promover a igualdade de direitos, enfrentar o racismo, a discriminação e a violação aos direitos humanos. As políticas afirmativas e as Leis 10.639/03 e 12.288/10 foram consequências positivas. Por outro lado, uma CPI aberta em 2015 investigou as causas do grande número de assassinatos no Brasil: 56.000 mortos por ano. A investigação revelou que os homicídios têm cor e idade: as balas miram prioritariamente a juventude negra. Um verdadeiro genocídio.

No Paraná, as políticas eugenistas de "branqueamento" apagaram a presença negra da História e construíram uma (falsa) identidade europeia. Esta mentira vem caindo por terra desde que um levantamento básico apontou a existência de mais de 90 comunidades remanescentes de quilombos e comunidades tradicionais negras. A população negra teve importante participação na fundação e desenvolvimento de todas as cidades centenárias do Paraná, durante mais de 200 anos antes da chegada dos imigrantes. O Ciclo do Ouro, um dos mais importantes ciclos econômicos do Brasil, teve início em Paranaguá, onde está a mais antiga Casa de Fundição do país. E, como aponta Gilberto Freyre no livro "Ferro e Civilização no Brasil", quem detinha as tecnologias para a extração do ouro era o povo africano – provavelmente da Costa da Mina. Quem encontrou as Minas Gerais foi um africano vindo do Paraná.

Estas e outras histórias, personagens e reflexões sobre as contribuições afroparanaenses ocultadas na História estão sendo garimpadas em oralidades e literaturas, transcritas de forma poética e acessível e podem ser encontradas na Coleção Oralidades Afroparanaense, recém-lançada pela Editora Humaita. Os autores, Mel e Candiero, dedicam-se à missão de valorizar e dar visibilidade à presença negra e à herança cultural afro em Curitiba desde 2006, quando ajudaram a fundar o Centro Cultural Humaita – Centro de Estudo e Pesquisa da Arte e Cultura Afrobrasileira. Consciência nós temos, o que nos falta são os meios de materializá-la.

"Enquanto os leões não contarem sua história, prevalecerá a versão dos caçadores."

Legendas e Créditos das Fotos

CAPA
- Mulher do povo Himba.
  Fotógrafo espanhol Rómulo Rejón.
  yourshot.nationalgeographic.com/profile/228450/
  Twitter @blogmulo

1
- Propaganda Nazista.
  Década de 1930.
  Bundesarchiv Berlin - Arquivo Federal Alemão.

2
- Propaganda Nazista contra as tropas colonialistas francesas. "Alemão! Isso se tornará verdade novamente?".
  Década de 1920.
  Bundesarchiv Berlin - Arquivo Federal Alemão.

3
- Homens do povo herero Herero presos pelas forças coloniais alemãs.
  Década de 1900.
  Alamy Stock Photo.
  Bundesarchiv Berlin - Arquivo Federal Alemão.

4
- Cartão-Postal: "outra cidade, outra garota!"
  Década de 1920.
  Bundesarchiv Berlin - Arquivo Federal Alemão.

5
- Recrutamento de africanos para o exército colonial alemão.
  Década de 1900.
  Bundesarchiv Berlin - Arquivo Federal Alemão.

6 e 7
- Martin Dibobe como condutor.
  1902.
  Bundesarchiv Berlin - Arquivo Federal Alemão.

8
- Exposição de Berlim.
  1896.
  Bundesarchiv Berlin - Arquivo Federal Alemão

9
- Ideias de raça, Darwinismo Social e Eugenia. Nott and Gliddon, Types of Mankind.
  1856.
  Bundesarchiv Berlin - Arquivo Federal Alemão.

10
- Estudantes alemãs medindo crânios, um dos critérios propostos por teorias de definição de "raças humanas" por características morfológicas.
  Berlim, Alemanha, 1938.
  © Association Ketani & M. Siebinger.

11
- Uma classificação sistemática de pessoas em raças (de acordo com Karl Ernst von Baer), típico do século XIX.
  1862.
  Bundesarchiv Berlin - Arquivo Federal Alemão.

12
- Detalhes da batalha entre os guerreiros Herero e as forças coloniais alemãs.
  1904.
  Chris Hellier/Corbis.

13
- O líder herero Samuel Mahahero (à direita) com Leutwein e Hendrik Witbooi (à esquerda).
  Década de 1890.
  Bundesarchiv Berlin - Arquivo Federal Alemão.

14
- Samuel Mahahero.
  Década de 1900.
  Bundesarchiv Berlin - Arquivo Federal Alemão.

15
- Representação alemã dos franceses ocupando a Renânia.
  1923.
  Bundesarchiv Berlin - Arquivo Federal Alemão.

16
- Racismo na Alemanha antes do Nazismo.
  1923.
  Bundesarchiv Berlin - Arquivo Federal Alemão.

17
- Wolfgang Abel, "Bastarde am Rhein", in Neues Volk. Blätter des Rassenpolitischen Amtes der NSDAP, Leipzig.
  1934.
  Bundesarchiv Berlin - Arquivo Federal Alemão.

18
- Representação afroalemã pelo Nazismo.
  Década de 1930.
  Bundesarchiv Berlin - Arquivo Federal Alemão.

19
- Capa do catálogo da exposição "Entartete Musik" (Música Degenerada).
  1938.
  United States Holocaust Memorial Museum Photo Archives.

20
- Foto desconhecida.
  Alemanha, década de 1930.
  United States Holocaust Memorial Museum Photo Archives.

21
- "O resultado! O orgulho racial desaparece". Imagem de uma filmografia da Juventude Hitlerista.
  Década de 1930.
  United States Holocaust Memorial Museum Photo Archives.

22
- Hans J Massaquoi.
  Década de 1920.

23
- Hans J Massaquoi.
  2013.
  © Matthew P. D'Agostino/AP.

24
- Josef Nassy.
  Bélgica, 1940.
  Créditos desconhecidos.

25
- Jean (Johnny) Voste.
  Dachau, 1945.
  United States Holocaust Memorial Museum Photo Archives.
  Cortesia de Frank Manucci

26 e 27
- Valaida Snow.
  1937.
  Créditos desconhecidos.

28
- Bayume Mohamed Hussein
  Década de 1930.
  © Sammlung Bechhaus-Gerst.

29
- Gert Schramm
  2009.
  Afrodeutsch, Allgemein, DIE ZEIT, English John Kantara.

30
- Hans Hauck
  Década de 1930.
  Créditos desconhecidos.

31
- Placa em praça de Düsseldorf, na Alemanha, em homenagem a Hilarius Gilges.
  2016.
  Créditos desconhecidos.

33
- Leopold Sedar Senghor visitante a Universidade de Estrasburgo.
  1949.
  Felix Man/Picture Post/Hulton Archive/Getty Images.

34
- Leopold Sedar Senghor.
  1963
  Créditos desconhecidos.

35
- Theodor Wonja Michael.
  © Mark Leonhard/Bonn.

36
- Lionel Romney.
  Década de 1940.
  Créditos desconhecidos.

37
- Embaixador Michel Gallin-Douathe (República Centro-Africana) assinando a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (de 1963). À sua esquerda, o secretário-geral U. Thant e ao fundo C. A. Stavropoulos, subsecretário e conselheiro legal.
  1966.
  © UN Photo/Teddy Chen.

38
- Eleanor Roosevelt com a Declaração Universal dos Direitos do Homem, em sua versão na língua espanhola.
  Lake Success, New York, 1949.
  FDR Library Photograph Collection.

39
- Homem Afroparanaense. Grafitti sobre papel
  2016
  Luz Amorim e Candiero.

Créditos do material

Realização
- Associação Casa de Cultura Beit Yaacov
- Museu do Holocausto de Curitiba
- Miguel Krigsner
  Presidente

Coordenação-Geral e Concepção Curatorial
- Carlos Reiss

Coordenação Pedagógica
- Denise Weishof

Concepção de Arte
- Fabio Bueno

Textos
- Carlos Reiss
- Henrique Burkinsky
- Laura Nicolli
- Michel Ehrlich

Parceiros
- Centro Cultural Humaitá
- Clínica de Direitos Humanos *(PUCPR)*

Coordenação Museológica
- Fernanda Motta Nunes de Souza

Coordenação Administrativa
- Jaime Ingberman
- Eloiza Vasconcelos

Assessoria de Comunicação e Redes Sociais
- Laura Nicolli

Créditos especiais
- *Bundesarchiv Berlin*
  Arquivo Federal Alemão

Agradecimentos
- *Adegmar Candieiro, Adrian Mohamed Nunes Amaral, Amélia Rossi (PUCPR), Avraham Milgram (Tito), Carolina Braglia Aloise Bertazolli, Danielle Anne Pamplona (PUCPR), Isac Weishof, João Paulo Josviak Dresch, Maria Lucia Voitech Neumann, Melissa Reinehr, Paulo Astor Soethe (UFPR), Romulo Rejon*